

RESENHA BIBLIOGRAFICA

ANATOL ROSENFELD — NELLY NOVAES COELHO

63/64 • escritor dos mais representativos no quadro da atual literatura portuguesa. Da 1.ª versão, publicada em 53, para esta 3.ª edição recém-saida, muito seapura a intencionalidade de seu mundo da ficção e mais se revela o seu pulso de escritor contemporâneo, isto é, do escritor preso definitivamente à ansia de captar o sentido do momento e de expressá-lo de maneira profunda e despojada: agulhoado por aquela obsessão que Kafka expressou como "ia peur convulsive de dire un mot que ne fut pas le mot juste".

A presença da palavra justa é, pois, um dos decisivos valores da obra de Cardoso Pires, romancista que possui, como poucos, o inteligente despojamento da forma e esse dom precioso que é o amadurecimento, paralelo aos fatos. E disso, este seu "O Anjo Ancorado" é prova eloquente.

É extraordinária a riqueza de problemas que este romance coloca, a partir de fatos e palavras aparentemente tão simples e elementares (o já conhecido "pseudoelementarismo" de J.C.P.), que podem enganar muitos "leitores distraídos", como o aponta Alexandre Pinheiro Torres no arguto estudo que acompanha a reedição: "Sociologia e Significado do Mundo Romanesco de J. C. Pires".



Cardoso Pires

Nele vamos encontrar nada menos que o depoimento de uma geração, através de uma intriga simplíssima que dura uma só tarde, datada precisamente de abril de 1957, e cujos "acontecimentos se resumem na passagem de um posante carro esporte vermelho por "certa aldeola da costa"; numa pesca submarina; na frustrada tentativa de venda de certas rendas e na afinal vitoriosa caça a um perdigoto. Dão causa a esses "acontecimentos" a presença de João e a de Guida, passageiros de moderno carro, os quais apesar de estarem juntos no veloz bojo vermelho, acham-se irremediavelmente perdidos cada qual dentro de si mesmo. Como contraponto a esse "desencontro" aparece a paisagem geográfica e humana da aldeola: o garoto das rendas; o velho do perdigoto; o taberneiro; Ernestina, a moça das rendas; sua mãe e o marido.

A "Intriga", aparentemente primária, como se pode notar, é forjada, pois, em planos que se opõem violentamente (o da elite, de formação universitária e folga econômica e o dos condenados ao subdesenvolvimento) e toda ela é desvendada em avanços e recuos no tempo e no espaço porém sempre conduzida impetuosamente para o núcleo central: o desarvoramento ou a perplexidade interior em que vive o homem.

Aliás esse perplexo desamparo é uma das marcas das criaturas que circulam pelo universo ficcional de J.C.P. São todas elas (quer nos pareça que sem exceção) cons-

ciências desarvoradas, marcadas pela inação, pela impossibilidade de agir. Essa impossibilidade surge, assim, como a espinha dorsal ou a força geradora da obra deste lucido escritor. Tanto em seus desenraizados "blasés" (que pensam em lugar de agir), como nos seus "desocupados" (cuja ação é impedida pelos caprichos dos poderosos... veja-se a simbólica tentativa de venda das rendas!) o que vemos é uma desesperadora ausência de ação, de atuação.

Aqui, através de João, militante frustrado da "geração de 45", "um desinteressado, (...) um derrotista um acomodado brilhante que navega na crista da onda" (p. 47) e de Guida, jovem "lúcida, lógica, racionalista", da geração do pós-guerra, "um anjo à espera da revelação" (p. 48), "O Anjo Ancorado" mostra-nos, em última análise, o processo de deterioração de uma sociedade, enquanto seus membros mais capacitados para detê-la perdem-se em estereis discussões, alimentadas pelo "raciocínio concentrado, aquele que se reduz ao próprio raciocínio". (p. 127).

Aliás essa gratuidade das palavras (dolorosa gratuidade porque é sintoma de grave crise...) já nos é antecipada de certo modo pela epígrafe que encontramos no limiar do romance: "Assim foi que, estando a cidade sitiada e o valeroso Constantino defendendo-a nos baluartes, dentro dela os monges continuavam em discussão acesa sobre qual seria o sexo dos anjos..." Essa "Notícia do Cerco de Bizâncio", reflexo simbólico de certas facetas de nossa época, dá-nos, pois, alegoricamente a essência última do livro.

Nele J.C.P. denuncia, através de João e Guida (principalmente de Guida) e de seus companheiros de elite, a existência de uma sociedade "ancorada", uma sociedade que se "demitiu", que fechando os olhos à realidade ou analisando-a com lucidez, nada mais faz do que viver à margem da história. E por isso os seus membros, "lúcidos" ou "alienados", vivem de palavras, palavras, palavras... quase todas elas esvaziadas de seu sentido real, incapazes já para servir ao seu fim próprio: instrumento de comunicação.

Assim as personalidades centrais deste romance, fechadas cada qual em seu reduto, vivem num verdadeiro "jogo a sós", um jogo sem parceiro ou jogo à espera de parceiro, por um lado, jogo sem regra nem desfecho, por outro". (p. 137).

Esta paradoxal incomunicabilidade, recheada de palavras e mais palavras e a capacidade de "assistir com lucidez" ao espetáculo da vida parecem ser as duas tônicas que mais atraíram a atenção do romancista na presente reedição. Um confronto mesmo ligeiro das inúmeras variantes encontradas, levam-nos a essa conclusão: pois segundo o que pudemos observar, J.C.P. realizou alterações visando basicamente:

a) — ampliar a visão interna das personagens, fazendo incidir sobre elas novos e reveladores focos de luz e intensificando assim, principalmente, a incomunicabilidade em que vivem;

b) — acentuar a atmosfera de alienação que emana das personagens, pelo apuramento da lucidez com que "assistem" à vida;

c) — atingir maior justeza e concisão expressional, numa linha já familiar ao romancista e que torna a sua prosa uma das mais depuradas e eloquentes da atual geração de ficcionistas portugueses.

Ficou-nos a impressão de que João sai algo transformado desta ampliação; da primeira para a atual versão, parece-nos ter havido nele uma certa evolução psicológica, mas isto só uma análise mais detida poderá comprovar. Também a crise que o menino João está atravessando neste angustioso período de transição de um "status" social para outro, crise agudamente vivida por Guida, aparece desdobrada em novas dimensões. Sob esse prisma, Guida surge-nos como das mais bem logradas criações do Autor.

Exaustivo seria alinharmos aqui todos os artifícios empregados pelo romancista ao perseguir, nesta reelaboração, os objetivos que apontamos acima. Entretanto não queremos deixar de citar pelo menos alguns que nos pareceram extremamente felizes na intensificação daquela impossibilidade de comunicação à que já nos referimos.

Desde a 1.ª edição, torna-se evidente que, embora juntos, João e Guida não foram um todo, não são um casal, mas apenas dois solitários exteriormente unidos. Na presente reelaboração, o Autor procurou claramente intensificar essa circunstância, fundamental no romance, e foi modificando sutilmente certas expressões significativas. Por exemplo, o que, originalmente, foi dito: "Ia, pois, este homem ao volante e na companhia dele a rapariga", aqui transforma-se: "Ia, pois, este homem ao volante e ao lado dele a rapariga". Pela troca das expressões gírfadas (grifos meus) notamos que ele já não está "em companhia", mas simplesmente um "ao lado" do outro. Agora, também, pouco ou nada se olham. Note-se, por exemplo, a modificação da p. 24: substituindo a 1.ª versão, "A companhia continuava sentada, mas desta vez encarándo-o olhos nos olhos", temos agora: "A companhia continuava sentada, mas desta vez tapando o rosto, como se chorasse". Esse pormenor dos "olhares" torna-se extremamente significativo na caracterização das personagens (como de resto, todos os seus menores gestos, dentro do estilo característico de J.C.P.), e assim dentro de uma maior coerência psicológica, eles apresentam-se sempre fugidios ou são desviados para a paisagem ou para o chão (vide ps. 23 e 140), sendo ainda eliminados de algumas passagens.

Pelas alterações realizadas, intensifica-se a sensação de frieza amorosa reinante entre João e Guida. Anulou-se qualquer possibilidade de amor entre eles e acentua-se a atmosfera de desencantada indiferença que os rodeia e que as palavras não conseguem quebrar. Mesmo a possível "amitié amoureuse", com que Guida acesa ao companheiro, só a coisa falsa, a gesto inútil, tão inútil como os "pescadores sem barcos" de São Romão. Note-se as alterações feitas no sentido de ampliar essa idéia. "Só sei que podíamos ter estragado uma amizade com esta idiotie" diz Guida na 1.ª versão; e agora: "Só sei que podíamos ter estragado a tarde com esta idiotie". (p. 26) Em outro trecho revelador diz ela: "Talvez, não sei. Sinto-me tão ternamente sua amiga que recelo que as palavras nos atraíçoem". E na nova versão: "Talvez não sei. Acredite ou não, gostava tanto de ser sua amiga que recelo que as palavras nos atraíçoem". (p. 140) O que, indiscutivelmente muda de maneira radical a realidade enunciada. O Autor sabe que é impossível a comunhão entre eles e evita que sobre isso pare duvida. Por variante desse tipo, nos damos conta de sua intenção em expressar o mais ampla e fundamentalmente possível a verdade psicológica de suas criaturas e o conflito que as marca.

A outra tônica básica do romance: o excesso de pensar em contraposição à ausência do agir, também aqui surge notavelmente ampliada. Em algumas passagens chegamos a encontrar mesmo declarações diretas e objetivas, como, por exemplo, a estabelecida pela inclusão do longo diálogo (ou monólogo?) às ps. 127, 128 e 129, em que a certa altura Guida diz: "É uma chatices, pensamos todos muito bem. (...) Ao menos que nos deixem essa possibilidade. Sempre é uma maneira de nos julgarmos vivos". Ao que o companheiro responde: "Exatamente. Quando um país não nos dá oportunidade de agir, contentamo-nos em pensar". (p. 128)

Melancólica e corajosa, a visão dos tempos que nos dá J.C.P. com este "O Anjo Ancorado" que nos trouxe de volta, trouxe de volta a profunda gravidade latente em sua inconsequente "intriga" e pela verdade humana de suas personagens, realmente merece o lugar que lhe tem sido destinado pela Crítica, desde a sua 1.ª edição: "um marco de referência" na atual novelística portuguesa, N.N.C.

LITERATURA

José Cardoso Pires, O ANJO ANCORADO, 3.ª edição revista e seguida de um "Estudo sobre o Autor", por Alexandre Pinheiro Torres, Lisboa, Arcadia, 1964, 218 pags.

Não há dúvida de que estamos em plena maré das reedições, numa sintomática tendência à revisão crítica daquilo que de uma maneira ou de outra, represente um esforço de interpretação destes tempos de inquietudes e perplexidades.

Nessa linha inscreve-se a presente reedição de "O Anjo Ancorado" de José Cardoso Pires, detentor do Prémio Camilo Castelo Branco